

REFLEXÃO

Folheando uma cartilha, você aprendeu a ler.

Segundo um lápis, começou a escrever.

Sua mãe, orgulhosa, exibiu seu caderno, com a letra linda

Você foi crescendo e aprendendo, lendo e repetindo,

Escrevendo e apagando, e reescrevendo e lendo, para nunca esquecer.

E foi assim, com o lápis na mão, que você escreveu lindos versos
e belas cartas de amor.

Mas o tempo passou. E tudo o que fazia, com a mão e o coração,

Faz hoje, com uma tecla do computador.

Esse monstro cibernético, devorador, atrofiador,

Engoliu sua cartilha, seu caderno, seu lápis,

Seu diário, seus versos e suas lindas cartas de amor.

Hoje você não segura um livro nas mãos e abre. Conecta.

Não se preocupa com a beleza da letra. Digita.

Não usa uma borracha e apaga. Deleta

Não pesquisa em uma enciclopédia. Busca.

Não vira uma página. Acessa.

Não toma uma folha limpa para mudar de assunto. Abre uma janela.

Não raciocina para produzir uma ideia brilhante. Copia.

Não passa a limpo seu rascunho. Imprime.

Não folheia mais o dicionário.

Pressiona uma tecla, aciona um ícone que lhe dá uma “mãozinha”.

Você já não encontra os amigos para sentar na praça, conversar,

Tomar um sorvete, ou ir ao cinema e namorar. Encontra no Orkut, no MSN, loca um DVD.

Então...

Porque pensar, raciocinar, refletir, investigar, comparar, analisar, julgar?

Está tudo ali, no computador, pronto, acabado e revisado.

Tudo tão simples, tão fácil, tão ao seu alcance!

Por que trocar cartas de amor?

Você manda um e-mail, envia uma mensagem.

Não sente saudade.

Basta acionar a webcam e a imagem dela está lá, no seu computador.

Por que sentir saudade? Saudade não faz sentido. Amor, também não.

São palavras desgastadas, ultrapassadas.

Por que sentir vontade de pagar na mão, ou roubar um beijo?

A internet lhe mostra que é tão simples “ficar” e fazer sexo.

Romantismo?!

Esta palavra está em desuso, esquecida no baú da saudade.

Como é folhear um livro, escrever uma carta,

Copiar um poema ou a letra de uma canção?

Você não sabe.

Sua mão atrofiou, seu pensamento embotou, seu romantismo acabou, sua emoção definhou.

Toda a beleza da habilidade humana; a alegria de pensar e criar; a emoção de escrever;

Tudo foi congelado, engessado e jogado numa lixeira, que ironicamente é chamado de ícone.

Só o monstro cibernético sobreviveu, evoluiu e lhe subjugou.

Margarida Maria de Barros Freitas
Ministério da Cultura